= Diretor-Editor: José Franco =
= Propriedade do grupo refràtários =
Dirijir toda a correspondencia a DELIO VOUGA
RUA DA BOUÇA, 215 — PORTO

Composto e impresso na
Tip. «Artes & Letras»
R. Fernandes Tomás, 481
: : : PORTO : : :

refràtários

QUINZENARIO INDIVIDUALISTA-ECLETICO
: : Fora da lei de deus e da lei dos omens : :

1.º ano - n.º 3
15-XII-1921

1 ez. — 10 ctvs.
Serie de 6 n.os 1 esc.

NÓS

Por Henri Zisly

Vendo o titulo **refràtários**, adòtado plos nossos camaradas portugueses, julguei que traduzisse uma omenagem indiréta a Emile Armand, (1) um dos mais dignos representantes do individualismo libertario em França, e o primeiro que escolheu esse mesmo titulo pra uma das suas publicações que apareceu em 1912 e 1913 sob dois formatos diferentes; a sua orientação literaria, critica, documentária, eclética, em nada diferia da dêsse periódico, segundo o que, a tal respeito, os poucos conhecimentos que possuo da lingua portuguesa me permitem ajuizar.

Entretanto precisemos um pouco o termo: *refràtários*, seja; todavia pode ser-se refràtário a um objéto e não a outro, a um principio, a um método, a uma tática, mas isso parece-me insuficiênte. Noto porêm com agrado que a designação «individualista-anarkista» mencionada por **refràtários** no seu subtitulo e quarta pájina tudo vem tornar claro e simples; assim, os nossos amigos, simpatizantes e adversários sabem com que contar, o que é sobremodo importante, pois não á marjem pra manter chicanas nem discussões intérminas.

Sim, na verdade, somos *refràtários*; e como poderiamos nós não o ser?

Somos os refràtários sociais, o que significa que as nossas individualidades são um protesto veemente e contínuo contra o rejime estatista atual, constituido pla Monstruosidade, plo Ilojismo, plo Autoritarismo mesquinho e nefasto, aniquilador das nossas enerjias, dos nossos quereres, das nossas esperanças.

Nós somos os *refràtários* não só ao Estado todo poderoso, mas ainda aos compadrios, às quadrilhas e às capèlinhas; nós somos **NÓS**, ainda e sempre **NÓS**, na medida das nossas possibilidade, evidentemente.

Não erijimos tampouco a nossa Idéa prediléta — aquela que nos parece a melhor — em Credo, em Dogma, porque ela não é perfeita, encerra o seu ponto fraco, e, demais é preciso necessàriamente darmo-nos conta (pois que eles ezistem) dos temperamentos e caratéres individuais, que não podem modificar-se d'oje pr'amanhã, o que significa que pra mim admito perfeitamente — e sustento sendo preciso, na minha qualidade de *libertário-eclético* — as diversas tendências da vanguarda do movimento social, cujas são: o anarkismo-comunista-revolucionário, o nèo-maltusianismo, o Tolstoismo, o naturismo nos seus diferentes aspétos, o individualismo libertário, as escolas Ferrer em pedagojia e os comités de Defesa Social e d'Aussilio aos Prêsos.

E depois, não alimentemos ilusões: que cada doutrina ou método não espere reùnir sob a sua bandeira esclusiva a maioria das intelijências; de momento seria já muito que reùnisse as minorias, as élites, e isso mesmo por motivo das diferenças de caratéres e temperamentos a que me referi.

E sobretudo, emfim, *nada de funcionários* nas nossas propagandas, que o nosso apostolado não seja uma profissão mas um gôso e uma necessidade do nosso ser; não imitemos os senhores da Burguesia, não creemos novos parasitas.

Sejamos **NÓS** ainda e a-despeito-de todos.

Não sejamos, todavia, sèctários, porque o Absoluto não existe.

Mas será de mais esperar tudo isso dos pobres umanos que nós somos?

Esperimentemos sempre, teremos ocasião de ver...

Paris, 24 nov. 21.

(1) Armand, prêso e condenado a 5 anos de presidio por ter acolhido um desertor da "Grande Guerra", é uma nobre individualidade, fora das seitas, dos balcões e dos partidos. Por isso mesmo é que o seu nome não figura na lista dos presos por questões sociais arranjada plos funcionarios cèjètistas. A "nossa" *comúa* referindo-se um dia a Armand teve o impudor de lhe chamar *camarada!* — N. R.

Abas les faux anarchistes!

Les individualistes-anarchistes du "refràtários" assurent aux publications de l'avant-garde et camarades du monde entier que les meneurs de l'organe soi-disant anarchiste A COMUNA sont des parasites gravement compromis dans la société capitaliste par leurs intérêts commerciaux et industriels: ils sont même de faux défenseurs des classes ouvrières, dont les revendications ils ont déjà trahies.

Lire ce nombre du "refràtários".

Demander des renseignements au

Groupe individualiste-libertaire du "refràtários".

... dentro da lei ou ... sem cadastro

1.ª SÉRIE:

Costa Carvalho, Amadeu Cardoso, Damião Castelo, Tércio de Miranda, Mario de Azevedo, Castro Bàtista, José Gonçalves, Norberto de Carvalho, Paiva "o misantropo".

Todos estes cavalheiros fazem parte, como *simpatisantes* ou *militantes*, do «clan» capitalista que orienta a *comúa*. Todos êles tomaram posições contra a *ditadura do proletariado* aconchegando-se à ditadura burguêsa *raffinée*. Pregunta-se simplesmente:

¿de que vivem?

ou mais simplesmente ainda

¿porque não são sindicados?

Desvio — o anarkista pattrão ou capataz — *Mauricius*.

Convidamos todos os anarkistas e em especial os camaradas aderentes ao Partido Comunista Português a assistir á

Conferencia contraditoria

que terá logar na *quinta-feira*, 29 do corrente, na sala do *Sindicato Unico da Construção Civil*, à rua da Boavista, obsequiosamente cedida pela respetiva Comissão Administrativa.

Será conferente o camarada *Juliano José Ribeiro*, que tratará os temas:

Por ou contra a ditadura?

O dilema da ditadura e a anarkia

Solução individualista

A discussão será inteiramente livre.

Estão á venda os bilhetes de acessò, a 20 ctvs., revertendo o produto para aussilio de *refràtários*.

Aos Senhores Industriais e Comerciantes da r. do Sol

refràtários possue, como não podia deixar de ser, uma escrita em regra, onde o adm. responsável rejista todas as receitas e despezas da publicação.

refràtários possue tambem espetados num gancho varios recibos dos seus pagamentos.

O camarada Delio Vouga, administrador do jornal, convida os supracitados cavalheiros de industria & comercio e eméritos contabilistas, que o são — por dever d'oficio, a darem-se ao incómodo de vir à sede do ***refràtários*** ezaminar a referida escrita. Trazer os oculos e, à cautela, um meritissimo juis do Supremo Tribunal de Comercio.

No próssimo numero:

Juventudes Individualistas, por Felim.

A'LERTA, CAMARADAS!

Quando nos era materialmente impossivel conseguir nova tipografia a *Industrial do Norte*, que se comprometera a editar *refràtários* segundo o combinado, recusou-se subitamente a fazê-lo!

O facto, aparentemente simples, reveste caraterísticas gravissimas. Com a *Industrial do Norte* convisinha a *Intermediaria*, tipografia de que são co-proprietarios os srs. *Tercio de Miranda* e *José Gonçalves*, membros do grupo de capitalistas que dirije a *comùa*!

A *Industrial do Norte* alegou, para justificar a inopinada atitude, que lhe fôra impossivel arranjar o tipografo que abitualmente compunha *refràtários*, acrescentando que um trabalho importante que lhe fôra confiado não permitia à casa retirar um só compositor para fazer o jornal

Tudo isto é falso. O tipografo não chegou a sêr procurado — e nas oficinas da *Industrial* continuou a compor-se o semanario *Pontas de Fogo*, de que é um dos proprietarios o sr Tercio da *Intermediaria*!

Camaradas: ouve o propozito claro, evidentissimo, irrefutavel, de nos tapar a bôca! Os omens da *comùa*, que elojiaram o «cuidado trabalho grafico da *Industrial do Norte*» apelaram, como industriais, para a solidariedade dos dirijentes da *Industrial*! Impotentes para nos responder, conhecendo a força dos nossos argumentos, eles, que aos amigos prometiam chamar-nos à responsabilidade das nossas afirmações, entenderam que é mais pratico o recurso aos meios violentos, buscando calar-nos, calar a nossa voz fremente de justiça, pela pressão vigorosa do capitalismo irmanado! Que eramos *chanteurs*, disseram; mas a nossa voz de *chanteurs* assusta-os!

Façam os camaradas o seu juizo!

Os omens que deram a mão ao Amadeu da *Elegancia* contra os alfaiates dos Sindicatos do Porto e de Lisboa; os omens que deram as mãos ao Bàtista, subscritor da *comua* e dirijente duma companhia vinicola, sustentando-o contra os camaradas que em 1913 lhe deram uma lição de esplendido anarkismo; os omens que denunciaram o Manoel Torres, como policia, abraçando o Norberto dos Tamancos, o Carvalho das lonas, o Paiva das borrachas e o Tercio dos *moulins-rougês* — esses omens miseraveis e abjetos que na *comua* fazem uma obra de traição ao anarkismo, cultivando a intriga e a sizania, procurando dinheiro acima de tudo, esses omens procuram agora fazer-nos calar. **Não sosseguem, todavia!** Se o vosso acordo capitalistico conseguir fechar-nos todas as casas editoras; se o vosso dinheiro, estorquido a tantos iludidos camaradas, conseguir corromper todas as conciencias — não descansem! não sosseguem! — ficar-nos-á livre ainda o comicio, a palavra altiva levantada na praça publica!

Augusto Diniz, Delio Vouga, Manuel Batista Fernandes, José Franco, Juliano Ribeiro,
do grupo-anarkista *refràtários*.

ATÉ O SERINGADOR ESTÁ CONNOSCO!...

Aos patifes e tratantes
É de sempre seringar
Nem outra coisa merece
Quem só trata de roubar.

Eu seringo tudo, tudo
Os ladrões e os falsários
[illegible]
E os altos funcionarios.

(De "O Seringador por escelencia, — Almanak critico, satirico e prognostico para 1922)

Dos anarkistas do "refràtários" aos vendeiros da "comúa"

Nós, os do *refràtários*, temos a pena completamente livre para desmascarar com firmeza os erros e os tratantes.

refràtários, n.º 1.

—•—

A', ouve, e á-dê aver sempre entre o povo crendeiro, muitos lobos assim com pele de cordeiro.

.....

Fora com esses, fora!

Tartufo, 1.º acto, Moliére.

—•—

Luta desapiedade contra aqueles que usam pescar nas águas turvas do confusionismo e da intriga!

refràtários, n.º 1.

Vamos falar da *Comúa*. O que á meia duzia de anos tem sido a anciedade irreprimivel de muitos camaradas será dêsde agora a realidade palpavel. A ezautoração vai fazer-se. *A verdade será verdade enfim!*

Averá quem lamente estes *incidentes*. Nós não os lamentamos. Nem sequer os reputamos incidentes. O comunismo-anarkista nada tem com a *comúa*. A *comúa* é um balcão nos arraiais libertarios. Vencer a jente da *comúa* é vencer o próprio comercio ladravaz e espoliador — é vencer, é desbaratar o próprio capitalismo!

Nós vamos acusar — demonstrando. Seguros das nossas verdades, na serena tranquilidade de quem conhece o caminho a seguir, nem uma só vez a nossa pena resvalará no lixo da terminolojia burguesa. A' palavras que ficam bem na *comúa* e destoariam estranhamente no *refràtários*. Queremos fazer deste jornal uma tribuna de educação e de ideias. Ventilamos principios, aceitamos a controvérsia de opiniões, mas repelimos enérgicamente os esgares réles dos rufiões das letras. Que a *comúa*, orgam de comerciantes e de burgueses, siga os processos burgueses, cultivando nas massas inconcientes o gosto sádico pelo palavrão obsceno—bem está. Mas *refràtários!* Entre um jornal burguês e um jornal anarkista - *hay que distinguir*...

Por uma vez...

(A *comúa* n.º 75, 2.ª pájina)

...esplica as razões porque não publicou a noticia que lhe enviamos sobre o saráu do Centro Comunista. Articula em latim:

Primo—Uma insinuação a Délio Vouga. A resposta vai noutra parte do jornal.

Secundo—o «sumo-pontifice, inspirador e co-proprietario do grupelho» é «pessoa arqui-suspeita» porque «tendo-se alugado em tempo aos católicos e feito no decorrer da vida outras varias patifarias» (transcrevemos fielmente, Damião da nossa alma?!) «não procurou limpar se delas nem tentou rejenerar se» (que quer, Damião? os anarkistas ainda não fundaram a Vila Fernando do anarkismo!) nem tentou rejenerar-se, ia dizendo o Damião, «máu grado os esforços nêsse sentido feitos por diversos amigos e até por nós próprios».

Este «sumo-pontifice» em que fala o Damião deve sêr o nosso camarada Juliano José Ribeiro, que, como se vê pelo articulado, é, àlém de súmo pontifice (o Damião traz sempre o *sumo* na bocal) «pessoa arqui-suspeita» e um «emérito tratante».

A *comúa*, composta de onestos e sossegados burgueses, reconheceu-o — felizmente a tempo. Deliberou providenciar. E providenciou:—

«chamando ao escritorio do sr. Cristiano de Carvalho, rua d'Alegria, Porto, no dia 13 de Júlho de 1920 (uma terça-feira esplendida de sol!) o pontifice-sumo-tratante Juliano José Ribeiro, «vendido aos católicos e autor de várias patifarias» a quem pelo mesmo sr. Cristiano foi dito o seguinte, na presença dos srs. Tercio de Miranda, industrial gráfico e distintissimo *sportman*, Darwin Castelhano, vulgo Damião Castelo, tendeiro e lampianista de cópinhos, Amadeu Cardoso, detentor da elegancia portuense, e Csik Kolman, refujiado úngaro;

—que constando á jente da *comua* que o supramencionado Juliano se preparava para fazer a reédição do quinzenario *Luta Social*, que em 1917 tantas aflições causara aos *comúeiros*;

—que, a fazer-se essa publicação, redundaria em detrimento do ideal, dividindo forças num momento em que o bolxevismo minava as fileiras libertarias e o toque de unir se tornava imperioso;

—que, reconhecendo os presentes a razão das queixas de todos os camaradas, que acusavam a *comúa* de estar entregue nas mãos de elementos patronais suspeitos, eles—jente de escol, jente fina, jente limpa—esperimentavam a necessidade de ir ao encontro dessas queixas, evitando destarte possiveis insinuações, para o que propunham ao mesmo camarada a entrada para o corpo redatorial da *comúa* «onde conservaria livres ás suas opiniões e as suas ideias»

...e foi assim que o *patife*, o *tratante*, o *galopim* passou a escrever na *comúa*, iniciando a sua colaboração com os artigos *O grande alarme*, publicados em editorial, o que representava uma anuencia completa de todos os redatores do periódico. Esses artigos eram feitos no sentido de preparar o terreno para a campanha contra o aumento de salarios que *A Batalha*, orgam coato ao egoismo das massas sindicadas, não podia decentemente encetar. Tinha-se projètado mesmo um encontro entre o «pontifice» e o dirétor do «porta-voz». Esse encontro não chegou a efètivar-se porque Alexandre Vieira, que de Lisboa saira a acompanhar Neno Vasco a S. Romão, não se deteve no Porto, ao contrario do que se esperava.

Num outro artigo —*A ditadura do proletariado e os anarkistas*, comúa n.º 14 —tambem publicado em fundo, o nosso pontifice fazia a esposição do criterio anarkista ante o problema da ditadura, concluindo por reduzir toda a dinamica social a um caso de psicolojia individualista. Era um pouco a tese de Palante, que mais tarde, numa conferencia realisada em 26 de novembro do ano ultimo, no Centro Comunista, devia levar ás últimas conclusões. O *compte-rendu* dessa conferencia, fornecido pelo autor, foi publicado na *comúa* de 2 de janeiro *deste dno*, ocupando qùási toda a primeira pájina.

Tercio — O *creaturo* (creaturo é o novo avatar de pontifice...) gastou em proveito próprio o dinheiro das listas de subscrição que *injenuamente* (não te percas, Damiãosinho...) lhe aviam sido confiadas pelos comueiros. A nota que a *comúa* publicou nos seus números 32 e 35 mostra que **nunca** ao Juliano foram entregues essas listas. Recebeu-as, sim, o *refràtário* Augusto Diniz, e do modo como liquidou o caso dá ele conta noutro logar. Mas, o que se temia era a voz e a pena do «pontifice» — era mister arranjar uma patifaria *posterior* á data da sua colaboração no pasquim. Não ezistia? Inventou-se. A *comúa*, orgam de burgueses, desdenhava frioleiras de onra — e aproveitava as lições do *Seculo*.

*

Tratando-se dum jornal burguês, orgam de pasteleiros e vinhateiros — todas as forças vivas e doces do paiz — nós poderiamos passar de largo dando às *acusações* dos miseros a importancia que ligamos aos improperios conservadores do Trindade Coelho. Mas sucede que á por esse paiz e mesmo por esse mundo quem tome a sério a jente da *comúa*. A' muito

rude proletario,
bom trabathador,
que nunca pediu aumento de salario
mas manda o que ganha ao defensor

—o Damião, que tem em casa um tonel mais sem fundo que o das Danaides. Para êsses é que vão estas palavras.

O nosso «pontifice» saiu da *comúa* — leiam bem, que agora começamos a descobrir os mobiles das campanhas libertarias ai feitas — porque, ao contrario do que lhe aviam prometido, foi negada a publicação a um artigo do camarada José Franco. A mesma *comúa* — e isso mais influiu na decisão do nosso camarada — recusou publicar a tradução dum artigo de tendencias individualistas aparecido orijináriamente no periódico de Montevideo *El Hombre* — o que levou o nosso «pontifice» a supôr que na *comúa* só lhe aceitavam os artigos e as traduções de ataque ao marxismo. Essa convicção radicou-se quando o Juliano notou a insistencia com que o Castelo o convidava a ocupar-se do bolxevismo, dizendo-lhe jesuiticamente que não citasse nomes, para que o ataque conservasse todo o odioso das suspeições que enodoam. Era o velho processo jornalistico burguês. O Juliano não aceitou, e no *Verbalismo Esteril* (comúa n. 16) combatendo vigorosamente as teorias nèo-marxistas do escritor Manoel Ribeiro citava-lhe lialmente o nome.

A' mais e mais grave: quando do célebre conflito entre o sindicato dos alfaiates do Porto, secundado pelo conjénere de Lisboa, e o industrial Amadeu Cardoso — a *comúa* colocou-se veladamente ao lado deste. Tempo antes o mesmo sr. concorrera com 100 escudos para a *comúa* diaria (uma linda *chantage* este diario!) á semelhança do que já fizera, entre outros industriais, o vinhateiro Castro Bátista. Toda a jente sabia que era em casa dos varios srs. Cardoso afetos á *comúa* que os magnates *libertarios* se refujiavam nas ocasiões propicias em que os «miúdos» davam nas praças públicas o corpo ao manifesto. Avia entre a *comúa*, orgam de capitalistas, e o capitalista sr. Cardoso uma solidariedade de classe. Entendia-se—justifi ava-se mesmo. A gravidade do caso estava em que a *comúa* pretendia servir simultaniamente os interesses dos trabalhadores. Era preciso aliançar as duas atitudes. Os da *comúa* olharam — **e Damião agarrou-se ao «patife» pedindo-lhe instantemente para que fizesse no pasquim a apolojia sindicalista do salario proporcional!**

O nosso camarada compreendeu tudo. Avia e á de facto uma diferença básica, irredutivel, fundamental entre a moral dele e a dos comúeiros: Juliano é o vadio, o irregular, o sem eira nem beira; *eles* são os «onrados traficantes da nossa praça» e podem provar fácilmente (o que é estremamente onroso... para burgueses) que teem de quê viver—trabalhando os outros para si!

Depois disto a saída *impunha-se*. Juliano Ribeiro saiu da cloáca da rua do Sol como posteriormente sairam Mário Agro (Delio Vouga) e Clemente Vieira dos Santos. Lá dentro estão agora somente os comerciantes, os industriais e os *industrialisaveis*, jénero Antonio Teixeira, tipo de jesuíta anódino a servir de taboleta a um armazem roído de variose (já lho disseram na reúnião de Março mas o ómem tem cara de estanho: ficou!) Esses apenas. Comunistas-anarkistas na redáção—nem um para amostra. Entre os leitores—muitos. A êsses é que nos dirijimos. São para eles, só para êles, as acusações concretas que a seguir formulamos e que precisaremos no próssimo segundo congresso anarkista da terra portuguesa—se os camaradas do Porto não preferirem realisar antes uma sessão espurgatoria nesta cidade.

O NOSSO LIBELO

refràtários sustenta:

1.º que a *comúa*, antigo semanario *A Aurora*, é um orgam dirijido por burgueses, alguns deles comprometidos moralmente na defeza das instituições capitalistas;

2.º que Darwin Castelhano, (Damião Castelo) co-proprietario da *comúa* e único inspirador da gazeta, vivendo dos lucros da venda de bebidas alcoólicas não pode dirijir um orgam anarkista. Acresce que ao mesmo cavalheiro falta a necessaria competencia jornalistica, o que êle próprio reconheceu, submetendo as suas locubroções literalisantes á sanção dum dos *refràtários*;

3.º que toda a obra orijinal feita na *comúa* é uma obra negativa e incérente, reveladora dum desconhecimento profundo das ideias anarkistas, o que é próprio dos burgueses que a escrevem, acrescendo que essa obra creadora de confusionismo vem a nda marcada pelo sinal ignobil da concorrencia mercantil que caraterisa os seus orientadores desde os tempos da *Aurora*. Demonstra-se:

a) Em 1913 funda se no Porto o pequeno quinzenario *A Comuna*. Dirije-o um grupo de novos. Só ao fim de muitos esforços *A Aurora* se lhe refere. Nessa altura não avia patifes conhecidos a desmascarar. Mas avia um administrador da *Aurora* e respetiva *troupe* a sustentar — toda a concorrencia era um perigo.

b) A *Comuna Livre* aparece em 1915, um jornal deficiente mas atravez das suas linhas impregnadas de sinceridade vislumbra-se um objétivo — roubar do ambiente atrofiador dos sindicatos as atividades anarkistas. A' *Comuna Livre* faltou um Luiz Bertoni mas sobrou a má vontade, o odio mesmo, dos da *Aurora*—que viam assustados o aumento das suas tirajens e o intenso movimento de organisação libertaria de que *Comuna Livre* era o centro irradiante. A *troupe* Campos—Ferrão queria—*manger de la patisserie*. E a *Comuna Livre* foi agredida, insultada, vilipendiada.

c) Em 1917, março, sae o 1.º numero da *Luta Social*. A *Aurora*, obrigada pela atitude de toda a demais imprensa, saúda-a com simulada cordialidade. Mas avia a *troupe* Campos-Ferrão a sustentar. O jornal progredia, a concorrencia era visivel. Quatro colunas de porcarias foram vomitadas sobre essa primeira balbuciante tentativa de propaganda individualista em Portugal. *Luta Social* desapareceu

4.º que a *comúa*, ex-*Aurora*, administrada desde 1910 por autenticos ladrões (espropriadores ignobeis do dinheiro do proletariado, crédulo e cego) não merece a confiança dos anarkistas. Prova-se:

a) 910-915—*Reinado administrativo de Guilherme Moreira Alves*. Roubos—*Aurora*, diaria (a *chantage* tem raizes!) — *380$00*.

Na *administração* — ignora-se o montante! ***Pormenor típico:*** em 1917, poucos mezes antes de morrer, o infeliz Guilherme, conhecido e estimado por todos os anarkistas portugueses, escrevia-nos de Aveiro dizendo «que êle espiava as culpas enquanto que outros (estes *outros!*) comiam as amendoas»;

b) 916-918—Interregno Campos-Ferrão. Parte administrativa—??? — Não é, publicado, o livro de memorias destes srs.: mas abundam as testimunhas oculares;

c) 918-921 - Triunvirato Pereira-Damião Teixeira. *Comúa* diaria?—Um *bluff*. Onde param os três contos que vos demos a guardar?...

Á piedosa leitura de certo alcaide-mór

"A noticia referida foi pelos interessados, entregue ao tipografo de **A COMUNA**, a quem, abusivamente deram ordem de a compor...,,

(Do **A COMUA** de 4-XII-1921)

"Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo,,

(Da Sabedoria popular)

Principiarei mui serenamente por declarar que no dia 2 do passado mês de novembro me diriji à sede da COMUA, a fim de nesta ser publicada uma noticia em que se participava a constituição do nosso grupo individualista, a prossima saida deste jornal e seus principais colaboradores, bem como a realização dum sarau artistico nas salas do Centro Comunista do Porto, para custeio das primeiras despezas da propaganda.

Como é da praxe, e pra evitar dificuldades de redàção aos *redàtores* da COMUA, eu mesmo rabisquei a celebre noticia nos termos mais concisos, sem que nela transparecesse qualquer intuito de *réclame* que eu não saberia nem poderia imprimir-lhe.

Acompanhava a noticia em questão um programa do referido sarau, que a redàção do ***refrátários*** resolvera, por jentileza muito natural, e sem qualquer idéa de suborno..., ofertar à redàção da COMUA.

Na sede desta apenas pude ver o tipografo que a compunha, ao qual preguntei se estava o senhor Teixeira ou o senhor Darwin. Que nem um nem outro estava.

Então, escrevi no programa do sarau umas lijeiras palavras de convite (como é tambem da praxe e do bom tom...) e, na noticia, ao alto, solicitei do snr. Teixeira a respètiva publicação no primeiro numero do jornal.

Feito o que, entrego uma e outra coisa ao referido tipografo a quem pedi para as fazer chegar à repartição competente.

Que ficava entregue.

«Boa noite, passar bem ..»

A COMUA devia ser publicada, como de facto, dois dias depois. Procurei a trajica noticia desde a 1.ª à ultima linha do jornal. Trabalho baldado. E eu que fui o seu portador, tremi, tremi, e quedei silencioso... Tal qual a lagrima.

De novo me diriji à sede d'A COMUA, no proposito de saber quais as razões da não-publicação da noticia, caso os seus amaveis *redàtores* estivessem pra m'aturar..

Como da 1.ª vez, apenas encontrei naquela desolada camara dos comuns, o mesmo tipogr., que, a uma pregunta minha, aponta pra um galeão onde pude ver, triste, abandonada, a magna noticia e, ceus!, a composição do programa da festa, *sem que*, note bem o senhor Darwin ou Damião Castelo, *eu tivesse solicitado a sua publicação*; era *de chapa*. Falta d'orijinal? Estranha jentileza!...

O tipogr. informou-me ainda de que *soi-disant* redàtor principal d'A COMUA, avia chegado e preguntara, vendo aquelas duas composições ao abandono, porque não foram pajinadas. E ele tipogr. respondera-lhe: «O sr. Darwin disse que *até ver... até nova ordem...*»

Tecia-se à nossa roda a campanha do silencio.. E no silencio, que é sombra, á punhais e olhos a espiar...

A serena esposição dos factos, *tal qual se passaram*, ai fica.

Resta-me simplesmente preguntar: Quantos e quais, snr. alcaide mór da COMUA, eram, àlém da minha umílima pessôa, os interessados que *abusivamente deram* ordem de compor a noticia? E' ou não verdade que o tipografo não compõe nada, absolutamente nada, *sem o snr. Darwin mandar?* — Como esplica o snr. alcaide o *interêsse* do camaradinha Teixeira pla noticia? — Não teria esta passado plas suas mãos, tendo lha eu dirijido e pedido ao tipografo prá entregar?

Os anjos que me respondam...

DÉLIO VOUGA.

Se quizéssemos usar os processos *dêles* tirariamos os conseqüêntes pelos antecedentes. Era de *la bonne guerre*. O roubo tem na *comúa* tradições augustas. Mas nós não insinuamos. Os três contos do diario 15 zenal estão no fundo do baú... O Castelo mostrou-os ao Augusto Diniz. Sosseguem... os parvos. O triunvirato, bem comido e bem bebido, resistiu e resistirá ás influencias deleterias do meio!

...sustentamos ainda:

5.º—que a jente da *comúa* (*comúa* e *aurora* são para o nosso libelo espressões comuns) vivendo sob uma pesada atmosfera de suspeições que data de longos ános (acusações José Gonçalves, 1913, *grève* Mariani, 1912, e modernamente o conflito Amadeu Cardoso) não pode chamar a si as simpatias dos anarkistas do Porto. O chamadoiro «refugo de conegos» porque é conhecido entre os camaradas da maior parte do paiz o coio da rua do Sol, caraterisando o *dolce far niente* dos comúeiros dá a ezata ideia da justa desconfiança que os anarkistas sempre tiveram sobre onestidade das campanhas anti-marxistas na *comúa* travadas.

Objetavam «que não tinha autoridade moral ou doutrinaria para combater a ditadura do proletariado quem em diferentes épocas se aliançara à ditadura burguesa rèpública, a todo o momento se socorrendo, na defesa dos seos interêsses comerciais, das autoridades capitalistas». Esse facto, aliado á ideia de que os redatores da *comúa*, todos burgueses bem jantados, não podiam sentir as dores do proletariado levou muitos comunistas-anarkistas a refujiarem-se no seio da *Bandeira Vermelha*, que ás suas almas sedentas de transformação aparecia como o único orgam da classe trabalhadora revolucionaria. Se após a revolução Russa a *comúa* tivesse na redação um grupo de trabalhadores orientados por Clemente Vieira dos Santos — o bolxevismo seria oje uma ipótese. O ezito do periodico *Luz ao Povo*, que se publicou em Coimbra, atesta a possibilidade de fazer comunismo-anarkista quando os que se propõem faze lo são de facto esplorados e comunistas.

Falamos. Fomos ao encontro de muita aspiração silenciosa, de muita vontade impotente. Mas fomos nobremente, citando nomes, citando números, nada ocultando, nada escondendo. O grito de alarme aí fica: ou os verdadeiros comunistas-libertarios tomam conta da *comúa*, aproveitando a sua *ainda* ampla publicidade, ou a nauseabunda cloaca continuará a sua *obra* mefitica, deleteria, perturbando as enerjias criadores da propaganda!

Desejamos opor ideia a ideia, argumento a argumento — mas na *comúa* de oje só á ideias importadas Tivemos de fazer uma liquidação social. Foi melhor assim. A máscara caiu. Mãos à obra, rapazes! E para principio: A apostar dois «jesuitas» se o Damião ou qualquer dos sócios é capaz de olhar **de frente** para **um só** dos individuos do

Grupo editor do ***refrátários!***

?

Com a devida venia transcrevemos do diario da manha *A Batalha* o seguinte comentário:

Acusações patetas Um esquisito semanário do norte, semanário de ideias, segundo diz no cabeçalho, mas no texto, agressor por despeito dos empunhadores de canetas que nele escrevem, ateca a C. G. T. e *A Batalha*. Porém o ataque é feito com tanta inteligencia que ele se contradiz, porque se encarrega de bater nas suas razões idiotas, com razões tambem idiotas.

Isto de tomar ares superiores é ainda tarefa dificil senão impossivel aos que passeiam por todas as ideias, deixando, pelo caminho, muitas tolices disfarçadas em conceitos.

O' camaradinhas do *porta-voz:* isso é cá co'a rapaziada?

A' VOL D'OISEAU...

Recebemos nesta redáção uma carta assinada *J. A. Deus Cunha* contendo curiosas observações ao artigo *Propriedade Privada*, de José Franco. E' um documento nobre dum sincero comunista-anarkista Responderemos, pela ponderosa razão do espaço, no numero próssimo, aproveitando a ocasião para agradecer a Deus Cunha o interêsse que lhe mereceu a nossa publicação.

•

Em virtude da lei de 31 de julho de 1920, votada no Parlamento Francês sob proposta dos reàcionarios maurrasistas, foram presos e condenados a 2 anos de prisão cada um e 3.000 francos de multa, os camaradas Albert Gros, diretor do *Maltusiano*, e Eugéne Humbert, diretor da *Geração conciente*.

Os nossos leitores conhecem as ideias sociais destes dois amigos. O artigo «Mundo novo com omens velhos?», que publicamos anteriormente, deve te-los ilucidado.

Vê-se que a reàção teme a propaganda contra o aumento da pequenada; e o seu receio, que é enorme, vai até às violencias da prisão!

Não se esqueçam que estas infamias teem logar no paiz da Declaração dos Direitos do Omem e do Cidadão!

•

A COMÚA

: Orgão de Industriantes & Comerciantes :

Red. e adm. — nas proximidades do Quartel Jeneral, Governo Civil, Comissariado da Polícia, Aljube, Recolhimento das Meninas Desamparadas e Fabrica de Fazer Santos pertencente ao Monteiro Borges.

Faz pendant...

Primeiramente semandrio, tece aspirações a diario e é oie um 15ndrio. Ajência de traduções & transcrições. Como na forma do costume, o seu ultimo n.º de permuta *traz colaboração requentada em abundancia. Os* habitués *podem saborear o seguinte*

menu:

Na 1.ª paj.:—transcrição *do manifesto AO POVO, editado por um qualquer «Comité Revolucionario Social (Central); «Superprodução (a que os patrões da Comúa obrigam os seus* iguais...) *e Miseria» (que êles não sentem)—artigo* transcrito *de* Solidaridad *de New-York;—«Porque se não aussilia eficazmente oe famintos da Russia»—tradução da nata* Dr. Nansen's Vain Appeal *publicada no n.º de Out.º do mensario* **Freedom** *(A Liberdade) de Londres, não tendo os eis-famintos* redatores *do orgão rejistada a procedencia.*

Na 2.ª paj.:—tradução *das «Bases para a constituição da Aliança Anarkica Internacional»; —«Uma carta de Kropotkine»* traduzida *do «nosso» —deles colega berlinês* Der Freie Arbeiter *(O Trabalhador Livre), que a publicou em 1.ª mão, e que os capitalistas da Comúa fazem preceder dum lijeiro introito no qual cinicamente tratam por «inolvidavel camarada» o falecido visionário da* Conquista do Pão: —*«Por uma vez...»*, primeiro *comunicado do burro do senhor alcaide-mór que contra o* **refrátários** *bolsa as mais venenosas sandices em que é useiro e veseiro; —«Carta de Italia» de* Le Refractaire *(não é dos nossos...), em que se aponta a falta de solidariedade interpopular— é «solidariedade!—para com as vitimas constantes do reàcionarismo italiano*

Na 3.ª paj.:—*o artigo «A Frente Unica» em que o cam. Francisco Quental se mostra contrario à idéa de rebanho que domina os mal-disfarçados ditadores do manifesto transcrito* em fundo *plos* libertarios *da Comúa;—«Um crime», apreciação oportuna dum infanticidio cometido por uma sopeira no dia quatro de novembro ultimo e que só agora passado um mês vem publicada; àlém de varios enxertos e escertos...*

Na 4.ª paj.:—*«Reflèxões sobre o proximo congresso Internacional Anarkista»—mal cuidada* tradução *dum estudo publicado no n.º de Out.º da Freedom, tendo os* redàtores-tradutores-transcritores *deixado no tinteiro, como de costume, a necessaria nota de orijem; e mais algumas traduções e transcrições de mistura com varias noticias e o* suelto *«Campanhas Libertárias», que ficam ao cuidado do* **refrátários**...

Voilà tout...

Pla análise do menu *conclue-se que A COMÚA é um fornal de parasitas, sob o ponto-de-vista intelectual; sob o ponto-de-vista social, moral e economico é o que todos nós sabemos...*

Rapida dissolução da empresa comercial e industrial A Comúa—eis o que sinceramente desejamos. Pra bem dos omens e da propaganda.

Ideias são camisas. Só as não muda quem as não tem. — *Guido Regras.*

AJUSTE DE CONTAS

Com arrotos de abade tocado já pela «pinga», publica o sr. Damião, no seu jornal, uma acusação velada ao grupo-editor do *refrátários*. O ataque visa J. J. Ribeiro, cujo nome se oculta jesuiticamente, sendo visivel o proposito de dividir o grupo, chamando o odioso sobre aquele nosso camarada. Esplica-se assim a consideração que o taverneiro professava por certos *refrátários*..

Sucede, todavia, que nem sempre Maquiavel leva a melhor. O tiro falhou. *refrátários*, grupo de individualistas-anarkistas, sentiu que a sua união se tornava mais estreita ao contrastar os miseraveis processos jornalisticos a que desceu a garotada burgu-sa que monopolisa a *comua*.

Faz-se ao Juliano, propositadamente, a «acusação» falsa de que gastou «em proveito próprio» o montante de cinco listas da subscrição aberta o ano último em prol da *comua* diaria. São as listas numeradas de 5 a 10.

Mas, para grande desespero do Damião, sucede que a própria *comua*, n.ºs 35 e 36 por ezemplo, reclamou essas listas ao sr. *Augusto Diniz* (o «refrátário» que rabisca estas linhas) o que é fulminante simplesmente! Fica ilibado o «pontifice» cá da gazeta e nem sequér fica para a pobreza mental do castelo—um simples *torreão* em jornalismo—a conso-

Dos três mil escudos e pico que os *maitre-chanteurs* da *comua* empalmaram aos injenuos *mais dum terço desse dinheiro* foi subscrito por ***esploradores do trabalho alheio!***

Querem os nomes e as quantias? Escrevam-nos um postal — e terão, rápida, a prova.

A "comúa,, está coata. O conflito Amadeu Cardoso é um simbolo!

lação torpe de aver transferido o *crime* para outrem. De facto nunca dei conta dessas cinco listas: uma está em poder do camarada *João Fanzeres, rua D. Gualdim, 18, Braga*, as outras quatro foram-me apreendidas pelo *chefe da segurança Vieira Marques*, quando da minha prisão sobrevinda após a tentativa de publicação do semanario *A Vida*.

O Damião sabia isto; sabia ainda que as listas, quando me foram apreendidas, não *tinham nem um chavo subscritas*. Mas era preciso liquidar o Juliano fazendo pesar sobre êle a atmosfera de suspeições odiosas que á muito pairam sobre a jente da *comua*. Não ezitou. O meu *crime* seria o pretesto!

Sr. Castelo: você sabe tudo isto. Disse-lho no seu estabelecimento á oito dias, tinha-lho dito mezes antes. Mas você confessou-me que o seu fito era alvejar o Juliano, *desacreditá-lo* «*quand même*», impossibilita-lo de os desmascarar a todos. Nada conseguirá, sossegue. Ouve uma burla, com efeito. Os burlados, porém, somos nós, que *caimos* para essa tremenda *chantage* da *comua* diaria—com 17$50 centavos da nossa alma!

AUGUSTO DINIZ.

Tiro o chapeu aos mortos porque é preciso respeitar a estupidez dos vivos.—*Guido Regras.*

Solidariedade Industrial
ou
um "réclame" de borla

Do órgão A COMUA:

Refrátários.—Quinzenário individualista eclético.—Recebemos o primeiro número desta publicação, *cuidado trabalho gráfico* da «Imprensa do Norte, Limitada».

Que tal?! E' ou não verdade?

Que querem os individualistas-anarkistas?

Diz-se amiudadas vezes que o individualista «é um monstro de egoismo e de maldade; que possue todos os defeitos; que só pensa na satisfação das suas necessidades pessoais estando sempre pronto a esmagar toda a jente para vivêr melhor».

A acusação, que além de falsa é estúpida, parte orijinariamente dos comunistas, muitos dos quais vivem da esploração industrial e comercial dos *camaradas*, o que, desmentindo todo o individualismo, é uma afirmação miseravel do mais ignobil e amoral egoismo.

Ora se os individualistas quizessem iludir ou esplorar os seus semelhantes não lhes prègariam a revolta. Dir-lhes-iam, quando muito, frases inflamadas e palavras pomposas, nuas de sentido e despidas de verdade.

Quando nós dizemos ao individuo: *Sê tu mesmo, pensa e vive por ti mesmo*, não te deixes roubar, enganar e matar em defesa dos outros - lonje de procurar iludir o que nos escuta nós indicamos-lhe pelo contrario o melhor meio de jamais sêr enganado por alguem.

Não desejamos sêr tiranisados, *mas tambem não queremos tiranisar.*

Rebelamo-nos contra todos os partidos porque todos eles foram e são creados para servir os previlejios e os interêsses dum punhado de intrigantes.

Erguemo-nos contra todos os evanjelhos e todos os credos, porque aniquilam a intelijencia, atrofiando a vontade.

Somos pelo livre-ezame, pela critica independente, pela iniciativa individual.

Repelimos com igual enerjia a mentira patriotica, a ilusão relijiosa, a resignação capitalista, o encasernamento socialista e a quimera comunista.

Para nós só o individuo vale. Ele só vive, sente e sofre. A sociedade será sempre a inimiga dos omens livres e concientes.

Nós revoltamo-nos contra as suas servidões morais e económicas, contra as abjecções da moda, contra o «que dirão?» da imbecil opinião pública. Desejamos viver, amar e trabalhar segundo os nossos gostos, como nos parecer melhor, sem dependencias umilhantes de ninguem. Temos o direito a faze-lo visto que não incomodamos em nada os gostos e as aspirações dos outros omens.

O individualista não se deixa matar estúpidamente pela p tria dos burguêses. Para ele as palavras França, Alemanha, Espanha, Portugal, Italia são simples espressões jeograficas.

O individualista não consente em dispender a sua enerjia para enriquecer um senhor.

Nem soldado, nem eleitor, nem patrão, nem capataz!

O burguês, parasita insolente, sibarita grosseiro — repugna-nos.

Mas o operario desgosta-nos igualmente. Ele tem os mesmos vicios dos burgueses, e freqüentemente, quando lhe acontece ter dinheiro, ultrapassa-os em grosseria e em maldade.

A comedia parlamentar enojamos. Não esperamos a «felicidade universal» nem dos boletins de voto nem ainda da grande *revira social* feita pelas massas alcoólicas e ignorantes.

E' pela educação e *pela ação individual* que queremos transformar os meios sociais e libertar a vida umana de todas as peias que a esmagam.

Se queres na verdade sêr um omem e viver concientemente abandona todos os partidos e todas as seitas. Liberta-te a ti mesmo, desembaraçando-te dos teus vicios e das tuas taras. Educa-te, reajindo com todas as forças contra a estupidez ambiente. Não esperes a palavra santa de ninguem! E sobretudo procura armonisar os teus actos com as tuas ideias — *não especulando no comercio, não esplorando na oficina, não bebendo na taverna.*

E' por aí que reconhecemos o individualista libertario e rebelde!

Aquele dianho do sôr alcaide...

Na sua divertida justificação, o conceituado sociólogo snr. Darwin, declara, com ares de super-fino desdem, que «a redação (?) está disposta a não abdicar do direito de publicar no jornal sòmente o que à propaganda seja *util* e *conveniente*». Está no seu direito... Sim..., isto de individualismo é como um tifo ezantemático... E' preciso profilacsia...

Pois se o sôr alcaide tem interesses morais e materiais ligados ao Ezistente, que se alicerça na esploração, no vício e na protérvia!...

O sôr alcaide pensa muito bem... Mas é duma incoêrencia espantosa!

Ele, que é *redàtor*, não se lembra já de ter mandado traduzir e publicar no seu órgam certa prosa de Marcel Sauvage, um dos mais requintados pensadores individualistas da França. Falta de memoria... Nem tampouco de ter (por engano...) consentido na insersão de certos artigos de tendencias individualistas...

Mas que admira tudo isso, se o divertido sociologo snr. alcaide, que passa seus dias a vender còpinhos de capilé *cognac* e bom vinho jeneroso..., publicou já na Comua (como continuará a publicar...) artigos de propaganda anti-alcoolica!

Os profundos conhecimentos de S. Es.cia sôbre o individualismo oscilam penosamente, desesperadamente, entre as sapateiradas dos seus colegas *sociologos* tipo Jean Grave e as palhacices de certos doutores Marc mais ou menos Pierrot. Ao movimento individualista-libertario, que já era um facto ainda Kropotkine borrava os cueiros, chama o impagavel snr. alcaide-mór noutra parte do seu impagavel jornal, «um movimento confusionista»!

Mas esta fobia plo individualismo não é um caso sem precedentes na caínçada da r. do Sol. Alfredo Guerra, um Damião n.º 2, chamava em 1913 «bandidos e assassinos» aos elementos de *l'anarchie* — os mesmos que durante a guerra correram com os cón gos do *Temps-Nouveaux* (a *comúa* de Paris) fundando com Faure *Ce qu'il faut dire...*, o jornal que manteve íntegros a tatica e os princípios libertari s!

A marjem dos "progressos realizados pla ré pública"

Mesmo sem a devida vénia, respigamos da «Pátria», òrgão rejionalista dos Trigos, Vinhos & Azeites, o *morceau choisi* que segue:

BEJA

Edificio escolar abandonado

S. Tiago Maior, 27-XI:—Na aldeia do Penedo Gordo, S. Tiago Maior, está o edificio escolar completamente lançado ao abandono.

Em dias invernosos não podem lá estar as crianças nem o professor, em virtude do mau estado dos telhados, que deixam cair toda a agua dentro da sala das aulas, estando as paredes a ameaçar desabamento.

A quem competir pedimos imediatas providencias.

Gritemos todos: ó escolas semeai!

Fora da lei do selo

Espanha—*R. Peña*—Recebemos o artigo. Sairá no p. n.º. Depois escreveremos. Esperamos o prometido aussilio.

França—*Zisly*—«Parmi les pensers eclos» sortira au prochain numero. *Nous...* c'est ce que nous même pensons! Attendez lettre du Delto Vouga.

Lorulot—Nous voulons répandre au Portugal l'exemple du «bourgeois» Léon Prouvost «victime du militarisme et des jésuites». Voulez-vous nous aider en envoyant quelques lignes sur votre grand et malheureux ami?

Inglaterra — *Freedom* — Please send «Free Society» to «refratários».

A mentira comunista

«Leitor: se não queres ver flajelado o teu ídolo não me leias»

«El Latigo», de Madrid, 1911.

Deixar-se enganar ou pretender enganar alguêm em nome dum «ideal», doutrina ou credo não é proprio de quem deseja fazer propaganda verdadeira. Que poderão prometer os anarkistas sobre o futuro desconhecido? Promete-se para enganar, quando muito para justificar um programa de conquistas que o verdadeiro anarkista vê como insensato.

Profetisar o «paraíso comunista» à pobre jente escravisada e dominada por idolatrias de toda a espécie não nos parece coisa digna duma propaganda verdadeira. Está bem que os católicos anunciem o Eden redentor, na condição dos escravisados o gosarem depois da morte — e no *outro* mundo... E' da teolojia e de todos os tempos. Mas aos anarkistas repugnam estes processos de evanjelisação.

Mentir, mentir sempre à face das rialidades duma vida mascarada de umana mas no fundo cheia de instintos bestiais, é a tarefa de muitos injenuos *revolucionarios*. São êstes que apoiados nas espingardas fratricidas pretendem fazer uma revolução-panaceia que, a acreditá-los, deve trazer a felicidade ao povo e o bem ao mundo!

Esquècem-se, todavia, que o educador é cem vezes mais revolucionario que o terrorista. Não será à força de revoluções sangrentas que os omens conseguirão destruir a espessa teia dos dogmas e da tradição, mas, sim, à custa de muita propaganda e de muita instrução.

Obcecados pela mentira social, certos *apóstolos* obstinam-se em querêr que os adeptos do «ideal» se sacrifiquem aos imperiosos interêsses da «causa», abituando-se aos custosos sacrificios pela «ideia». A' quem viva para deus, mentindo à umanidade. O devoto faz gala em ridicularisar a propria relijião; o comunista nega a esploração do omem e arvora-se em esplorador do *seu* camarada sempre que as condições económicas lho permitam. Tenho-os visto feitos patrões e industriais, alguns até policias e soldados, como se verificou na «grande guerra» dos capitalismos nacionalistas. Os libertarios mentem a si-mesmos quando afirmam que a «revolução social» levará os omens ao comunismo livre. E' impossivel a liberdade com um povo de inconcientes servidores do capitalismo.

Sucede ainda que certos libertarios, os mesmos que se propõem redimir as multidões pela anarkia (!), não são capazes, sequér, de se redimir a si-mesmos. A'-os que não escapam à lepra do meio, *procedendo exactamente como todos os outros sêres*: são negociantes, patrões fiscais do selo, fieis servidores do Estado, ocupam logares de mando e quantas vezes se impõem aos «camaradas». Nos sindicatos operarios são presidentes, delegados sindicais pagos, o que os leva a abandonar a ferramenta do oficio, que é dura e cortante, e sobem e descem a escadaria dos ministerios, recebendo apertos de mãos finas, ouvem agradaveis promessas sempre que reclamam, ganham enfim as maneiras delicadamente elegantes da jente *chic*...

Um comunista póde sêr secretario de ministro, embora do trabalho, como eu já vi um, por sinal que era bacharel, e o sr. ministro em tempos um ezimio guitarrista!

Verdade seja que as ideias nada teem com estas miserias. No entanto cabe nos apontà las para que os individuos conheçam a sinceridade dos *meneurs*.

Fazer propaganda da rèpública, votar em qualquer trampolim iro político, ajudar a manter a sociedade odiosa em que vejetamos — não é proprio de comunistas-anarkistas. Contudo eles votaram, deram vivas à rèpública, mancomunaram-se com certos politicos videirinhos fazedores de revoluções patuscas para salvar a «patria» em perigo...

Onde está, nesta derrocada, a puresa dos «principios comunistas?» «Que não são assim todos os libertarios»; de acordo. Mas porque não espulsais do vosso seio os esploradores e os mentirosos? Não o fazeis porque desejais dissimular as graves fáltas cometidas no tolo desejo de aumentar o rebanho comunista, cada vez mais lorpa e mais miseravel!

A anarkia nada tem com êsses aleijões, que pertencem de corpo e alma à sociedade burguesa de cuja esploração vivem. Desmascará-los é limpar o anarkismo!

Dizem então: «Não se póde sêr individualista porque um omem não se basta a si mesmo. O individualista, partidario do *cada um por si*, não poderá fazer çapatos, chapeus, fatos, casas, aeroplanos nem sequer uma revolução redentora...» A sua parvoice reduz a *isto* a concêção filosofica e económica do individualismo-anarkista! E tudo porque em cada omem á um fantasma que esse mesmo omem alimenta. Deuses, idolos, crenças, sociedade futura, revolução, «liberdade», igualdade, id-ais, solidariedade imposta, sociabilidade interessada — eis os sucessivos avatares dum mesmo papão. A' tambem o anarkismo do reino da lua... Agora vejam os lunaticos da «revolução imediata» que estou muito lonje de sêr um abitante lunar e que me encontro «fora da lei de deus e da lei dos homens» cá na terra...

Mais do que anarkista eu sou individualista, eu sou Unico flajelador de todos os idolos e de todas as mentiras! *Nem esplorador, nem bebado, nem opressor!*

Lisboa, Dezembro 1921.

JOSÉ FRANCO.

Tartufices...

«...a festa e o *papel* bem podiam ser uma autentica *vigarice* para apanhar dinheiro a desprevenidos camaradas...»

«Vigarice»... Por *quem* deus nos manda julgar!... «Podiam»... O miseravel diz «podiam»...!

Mas ¿quem babuja tam torpes insinuações? Quem?—Um autentico desqualificado que á muito já deu um tiro no trabalho e *vive* presentemente do roubo... legal (base da organisação capitalista), cometido dia-a-dia no comercio vergonhosissimo das bebidas alcoolicas e doutras mais drogas que lentamente vão cavando a degenerescencia dos seus fregueses, omens e crianças, que ele, o altruista, o benemerito, pretende rejenerar (!)... *em teoria!*

*

«Mas acontece que do grupelho em questão faziam e fazem parte camaradas que alguma estima e consideração nos mereciam»...

Então tu, repugnante liocrista, á data em que devia (sem favor...) ter sido publicada no *teu* órgam a já célebre noticia dedicavas *estima e consideração* (pull) a alguns camaradas do referido grupelho (!...) e ousaste, marfola, suspeitar que esses camaradas eram coniventes numa odiosa vigarice (sic) ou vergonhosa *chantage*?!

Pois tu, pasteleiro, julgaste o Centro Comunista do Porto, que jentilmente nos cedeu as suas salas, capaz de associar-se com *escrocs* e *chanteurs*?!

Julgas os outros plo que és, risivel *parvenu*...

Se consideravas a festa e o jornal uma armadilha aos incautos ¿porque não desmascaraste os seus organisadores no primeiro n.º da *tua* Comua, como, á face da tua *moral* (de frei Tomás...) era teu dever?

¿Quizeste, pois, ser conivente na indecorosa burla, que só existiu na tua avariada mioleira? Lá diz a sabedoria popular: quem cala—consente...

¿E não nos dirás, porque é que *compraste* um bilhete d'entrada e foste abrilhantar a festa com a tua seléta personalidade? ¿Então tu, moralão, não tiveste pejo em te associares a uma festa promovida por suspeitos (termo policial...) e (segundo a tua *autorizada* opinião) refratários—ao trabalho?!

E pensarmos nós que é nas mãos sem escrúpulos de falsarios como este que está perigosamente detida a propaganda! São individuos que mentem, que insinuam, que «calunian» pra dividir forças e mais tiranisamente imperarem, que se propõem redimir o mundo!